

TATUAGEM E ARTE

Velhos e novos usos e sentidos para a imagem sobre o corpo

GLÁUCIA G. LUZ

RESUMO

Este artigo tem como intuito, repensar os usos da imagem sobre o corpo, através da tatuagem e suas ressignificações na contemporaneidade. Leva-se em consideração as dimensões históricas, sociais, psicológicas, de gênero, além de permear o artesanato e o design, ao discutir as interconexões entre tatuagem e arte, através da análise da produção de cinco tatuadores brasileiros.

Palavras-chave: Tatuagem, arte, corpo, imagem

Abstract

This article intent to re-think the uses of the image over the body, through the tattoo, and it's meanings in the contemporaneity. It considers the historical, social, psychological, gender dimensions, besides permeating the crafts and the design, when discussing the interconnections between tattoo and art, through the analysis of the production of five Brazilian tattoo artists.

Keywords: Tattoo, art, body, image

1. INTRODUÇÃO

A tatuagem é uma prática milenar. O objetivo desse artigo é pensar as relações da tatuagem, como imagem gravada no corpo, buscando entender suas interconexões com a arte. Para isso, iniciamos este artigo abordando a construção da imagem no período civilizatório, seguindo, posteriormente, com a história e marginalização da tatuagem, além de seu desenvolvimento na cultura ocidental, considerando questões sociais, psicológicas e de gênero. Finalizamos com alguns conceitos da história da arte e por intermédio da análise da produção de alguns tatuadores que utilizam a imagem e o corpo como suporte.

1.1. Corpo, imagem e o processo civilizador

Grande parte dos povos no mundo tiveram uma relação intensa entre corpo e imagem. Para os egípcios, a imagem era usada para preparar o corpo para a morte. A múmia Amunet é um dos ícones mais antigos quando se refere a tatuagem.

Diversos povos considerados “selvagens” possuíam práticas de pintura corporal, enquanto povos denominados “civilizados” pouco praticavam a modificação corporal.¹ Por esse motivo,

O maior ou menor desconforto que sentimos com pessoas que discutem ou mencionam suas funções corporais mais abertamente, que ocultam ou restringem essas funções menos que nós, é um dos sentimentos dominantes no juízo de valor “bárbaro” ou “incivilizado”. Tal, então, é a natureza do “mal-estar” que nos causa a “incivilização” ou, em termos mais precisos e menos valorativos, o mal estar ante uma diferente estrutura de emoções, o diferente padrão de repugnância ainda hoje encontrado em numerosas sociedades que chamamos de “não-civilizadas”, o padrão de repugnância que precedeu o nosso e é sua pré condição. [...] É necessário, pelo menos enquanto estudamos esse processo, tentar suspender todos os sentimentos de embaraço e superioridade, todos os juízos de valor e críticas associadas aos conceitos de “civilizado” ou “incivil”. (ELIAS,1994,pg.72)

Os gregos aderiram parte da cultura egípcia com relação à imagem e a morte. Para os gregos, a imagem serve para representar aquilo que está fora do campo material. De acordo com Debray (1994), a morte é uma das relações mais fortes para criação da imagem, uma vez que apresenta aquilo que não está presente, aquilo que se esvai. Para o autor, “representar é tornar presente o ausente. Portanto, não é somente evocar, mas substituir. Como se a imagem estivesse aí para preencher uma carência, aliviar um desgosto.” (DEBRAY,1994,pg.38)

Os gregos desenvolvem na filosofia, o dualismo entre corpo e alma. De acordo com Robinson (1998), Platão propõe que, tudo ligado à alma, está relacionado ao moralismo, à integridade, à inteligência e à razão, enquanto, aquilo atribuído ao corpo tem relação aos prazeres, ao mundano, ao imoral e ao que é, essencialmente, ruim. Essa filosofia também defende o conceito de imortalidade da alma, considerando o indivíduo como totalidade dessa

¹ Os termos “selvagens” e “civilizados”, surgem na Europa, no séc XVIII com o aparecimento da antropologia. “O conceito de *civilité* adquiriu significado para o mundo Ocidental numa época em que a sociedade cavaleirosa e a unidade da Igreja Católica se esboroava. É a encarnação de uma sociedade que, como estágio específico da formação dos costumes ocidentais, ou “civilização”, não foi menos importante do que a sociedade feudal que a precedeu. O conceito de *civilité*, também, constitui expressão e símbolo de uma formação social que enfeixava as mais variadas nacionalidades, na qual, como na Igreja, uma língua comum é falada, inicialmente o Italiano e, em seguida, cada vez mais, o francês. Essas línguas assumem a função antes desempenhada pelo latim. Traduzem a unidade da Europa e, simultaneamente, a nova formação social que lhe fornece a espinha dorsal, a sociedade de corte. A situação, a auto-imagem e as características dessa sociedade encontram expressão no conceito de *civilité*.”(ELIAS,1994,pg.67) Na antiguidade, os gregos consideravam demais povos (como asiáticos, povos de origem pérsia e africana), não enquadrados em seus sistemas políticos, de bárbaros e inferiores. No séc. XX, esses termos passam a ser questionados e revistos pelas ciências sociais, uma vez que subestima a alteridade (aquilo que é diferente, como sendo do outro) assim, diminuindo as características distintas das construções sociais e culturais dos demais povos, homogeneizando as características constituídas pela cultura européia.

consciência e o corpo como meio material a ser renegado (muitas religiões seguem essa filosofia, sendo o catolicismo o maior exemplo). Quanto à dualidade de corpo e alma, o corpo não deve ser modificado. Modificar o corpo é ceder aos prazeres mundanos. O corpo deve estar ligado ao sagrado e a tatuagem vai contra essa cultura. Assim,

o livro VII ‘Polímnia’ a marca é de castigo[...] Não se podia esperar dos gregos qualquer tipo de modificação radical do corpo, uma vez que este obedecia a uma idéia de perfeição estética natural, por assim dizer. O corpo do grego devia ser o corpo idealizado pelo pensador e pelo artista. (MARQUES,1997,pg.21)

O distanciamento com a modificação corporal possui vieses filosóficos, artísticos e, sobretudo, políticos. A relação com a imagem, tanto na arte quanto na construção do corpo ideal, é parte das ciências utilizadas para dominar os demais territórios.² Esses domínios territoriais influenciaram profundamente a abolição das modificações corporais. Conforme Marques (1997), o corpo deve ser idealizado pelo pensador e pelo artista, mas porque quando olhamos a história da criminalização da tatuagem, as religiões monoteístas parecem ter um papel mais ativo do que a filosofia platônica?

No período Homérico (776 a.C.), os povos monoteístas tinham uma negação muito forte com a imagem. Aderir ao uso da imagem significava render-se aos prazeres do mundo. De acordo com Debray (1994), a teologia bíblica coloca importância na palavra, enquanto a imagem é vazia. Só a palavra contém a verdade. O monoteísmo não discriminava apenas as modificações corporais, mas o uso de imagens como um todo, pois se utilizar de imagens era se utilizar de meios pagãos. Contudo, para o ocidente aderir o monoteísmo, cria-se um discurso de aceitação da imagem, por isso,

Durante mais de um século, no mundo bizantino, dois partidos se enfrentaram: os inimigos das imagens, "iconômacos" ou "iconoclastas", mais numerosos entre o clero secular, na Corte e nas Forças Armadas. Quanto aos seus defensores, "iconófilos" e "iconódulos", eram mais numerosos entre o clero regular, monges e bispos. O decreto ou Horos adotado pelos Padres conciliares estipula que, não somente não é idólatra aquele que venera os ícones do Cristo, da Virgem, dos anjos e dos santos porque "a homenagem prestada ao ícone chega ao protótipo", mas que recusar essa homenagem "seria o mesmo que

² “Apesar de não retornar à antiga forma de governo de que seu pai fez parte, Constantino limitou-se, dois anos antes de sua morte, a dividir o governo dos territórios em cinco partes: três partes, as maiores, seriam entregues a seus três filhos; as outras duas, a três de seus sobrinhos. Ou seja: coube ao filho mais velho, Constantino II, a Bretanha, a Gália e a Espanha; Constâncio II ficou com a rica parte oriental do Império, que desde 333 governava como César em Antioquia; o mais jovem, Constante, ficou com a Itália, a África e a Panônia. Os primos Flávio Júlio, Dalmácio e Anibaliano ficaram, respectivamente, com os Bálcãs e a Ásia Menor.” (CARLAN,2009,pg.29)

negar a Encarnação do Verbo de Deus". Este sétimo e último Concílio Ecuménico foi o último em que Ocidente e Oriente cristãos participaram juntos. Inverteu a primazia absoluta da Palavra sobre a Imagem característica do judaísmo, confirmando a influência da cultura visual dos gregos sobre os cristãos.[...] A decisão de 787 continua em vigor ainda hoje na Igreja e é instalando-se sobre essas bases que ela conseguiu destroçar os assaltos dos "sem-imagens". Se, ateus ou crentes, pudemos escapar das maçantes repetições da celebração caligráfica de Deus, à moda islâmica, foi devido a esses "bizantinos" de quem se diz, bastante levemente, que discutiam a respeito do sexo dos anjos. Graças à sua sutileza, a chama ascética não queimou o Ocidente. (DEBRAY,1994,pg.79,80)

Ao colocarem essas imagens como “não idólatras”, atribui-se a imagem ao sagrado, normalizando uma prática já comum aos gregos antes do cristianismo. Se os bizantinos salvaram o ocidente dos iconoclastas, permitindo assim o uso da imagem, agora, atribuída ao sagrado, a tatuagem não teve essa mesma sorte. Afinal, não se lutava pelo poder de se modificar o corpo. A ideia de tatuar o corpo estava ligada aos prazeres da carne, então, o campo teológico desenvolve, cada vez mais, o pensamento de que o corpo é sagrado e não deve ser modificado,

Estes traços demarcam as fronteiras das modificações da pele descritas na Bíblia. Menos tatuagens e mais cicatrizes ou marcas mágicas são registros corporais do castigo e da redenção. Para que não haja dúvidas, anuncia-se na pele o Bem e o Mal. Puxando a fila, temos Caim, o primeiro assassino. Morto Abel, descoberto culpado, um sinal identifica o criminoso: [...] Trata-se de uma proteção em forma de aviso: Caim pertence a um clã vingativo. Deve inspirar medo, de maneira a permanecer vivo - sofrendo. A intervenção na pele do defunto fazia parte dos ritos funerários pagãos, assim como corte de cabelo e de barba (não do morto, mas de quem por ele chorava). A luta contra o paganismo se desenrolava em qualquer território, a começar pelo corpo. [...] (MARQUES,1997,pg.22)³

Além do corpo como sagrado, a evangelização foi utilizada para o domínio religioso, político e cultural. Reprimir a modificação corporal foi uma estratégia territorial.⁴ A repressão da

³ Conferir: Gênesis 4:15, Levítico:19:28 e Levítico:21:5(Lembrete: a palavra tatuagem não existe nos textos originais. Sua utilização se explica por decisão editorial de tradução adaptada aos nossos dias.)

⁴“Em interpretação oposta, estudos sobre diferentes tipos de sociedade mostram que a tatuagem guarda aura religiosa. É a maneira explícita de os indivíduos contarem suas intenções a Deus e ao mundo, já que suas tatuagens funcionariam como uma espécie de passaporte para o céu. Os índios sioux, da América do Norte, diziam que depois da morte uma divindade exigia ver as tatuagens para permitir a entrada no paraíso. Na Índia e no Tibet, uma das intenções de ter a pele desenhada é dar força às pessoas nos períodos difíceis da vida, como puberdade e gravidez. Isso também ajudaria a superar doenças e desgraças.[...] Provas da diversidade dos significados da tatuagem chegaram ao Taiti, onde a origem da prática seria divina. Trata-se de uma interpretação semelhante à dos maias, na América Central, que tatuavam as imagens de seus deuses. Os povos berbere e somoano acreditam que

tatuagem se inicia, basicamente, no período do império romano, a partir do séc. IV, com Constantino I, todas as regiões conhecidas até, então, eram alvo de conquistas territoriais para o império. As práticas da alteridade deveriam ser dizimadas. Por isso,

Quando Roma se cristianizou, o imperador Constantino I baixou um decreto contra a tatuagem que soldados romanos haviam trazido da campanha contra os pictos. O motivo: o homem não pode danificar a criação de Deus. Esse conceito também se encontra no Alcorão. (MARQUES,1997,pg.31)

Mas mesmo com essa perseguição contra a imagem no corpo, a tatuagem retorna, dessa vez, atrelada ao exótico. Nesta perspectiva,

A tatuagem foi reapresentada à Europa na Era dos Descobrimentos, após seu quase banimento na Idade Média. Desde o século XIII, contudo, já havia um clima de pele não-européia tatuada. O europeu encontrou tatuagem em todos os continentes. E, quase trezentos anos depois de Colombo ter chegado à América, ela conquistou marinheiros, no século XVIII, e o povão, os ricos e os monarcas, no século XIX.(MARQUES,1997,pg.36)

Ela volta para o ocidente com uma nova relação com o homem que a carrega. Os marinheiros faziam longas viagens e carregavam em seus corpos imagens que não só afirmam suas identidades, mas suas relações com o mundo. Logo, “nenhuma técnica de representação do mundo é imortal. Somente o é a necessidade de imortalizar o instável, estabilizando-o” (DEBRAY,1994,pg.40). Essa afirmação mostra que fixar uma imagem no corpo pode ser uma necessidade de estabilizar algo considerado instável.

1.2. Tatuagem: origens, história e características

As práticas artísticas e de modificação corporal são milenares, identificadas, desde períodos pré-históricos, como, no caso, da arte rupestre e de Ötzi.⁵ Nos meados do séc XVII, a

elas são estudos para reumatismo. Tatuagens medicinais ainda são encontradas do Egito à África do Sul. Jovens núbias do Sudão, por exemplo, não as usam apenas por vaidade. De acordo com seus conceitos, é uma tradicional forma de vacinação, pois o incentivo a pequenos ferimentos fortifica o sistema imunológico, reduzindo o risco de infecções durante a gravidez e o nascimento. Derivações desse tipo foram relatadas no Ocidente. São conhecidos os marinheiros norte-americanos que se protegem de afogamento tatuando um galo num pé e um porco no outro. Com os ciganos e povos dos Bálcãs, o papel das tatuagens é manter afastado as bruxas e outros males. Entre os pescadores melanésios, os desenhos de golfinhos servem para espantar tubarões. Tudo isso é bem diferente do que ocorre com os maoris da Nova Zelândia, cujos grafismos sobre suas faces são significado de evolução na cultura e na sociedade.” (RODRIGUES,2006,pg.17,18)

⁵Homem da era do cobre, encontrado nos Alpes, que possuía marcas corporais em áreas que, posteriormente, formariam os pontos de acupuntura.Também temos de exemplo, a múmia Amunet, achada em Tebas no Egito, com pontos tatuados na barriga, indica possíveis rituais de fertilidade, além da preparação do corpo para a morte.

tatuagem era vista com grande exotismo,⁶ então, ao abolir a prática da tatuagem, a Europa acaba estabelecendo sua própria cultura sobre as demais, indicando assim uma relação de superioridade. No séc.XVIII, o capitão James Cook fica conhecido por suas viagens à Nova Zelândia e ao Taiti, onde surge o termo tattow (tatau), que se populariza como tattoo, utilizado até os dias de hoje. Nesse mesmo período, as cabeças dos maoris tornam-se objetos de colecionadores. Durante a revolução industrial (séc. XIX), o estadunidense Samuel O'Reilly inventa a primeira máquina elétrica de tatuagem, patenteada, posteriormente, por Thomas Edison. A tatuagem torna-se cada vez mais popular entre as mulheres da alta sociedade vitoriana que a utiliza como jóias. Também surge o famoso hábito de fazer o nome de seus companheiros como prova de amor. Na virada para o séc.XX, a tatuagem deixa de se tornar popular entre as mulheres de classe alta para se tornar sinônimo de uma arte marginal, sendo associada aos marinheiros e às mulheres de circo, que possuíam histórias mirabolantes de terem sido raptadas. Quando na verdade, tatuar tornava-se uma prática cada vez mais acessível e o exotismo era forma de ganhar a vida. Nesse período, algumas pessoas já começam a tatuar obras de arte famosas em seus corpos. Como no caso de Artoria Gibbons, que teve tatuado em seu corpo obras como *Anunciação*, de Botticelli e a *Sagrada Família*, de Michelangelo.

1.3. As dimensões sociais, de gênero e psicológicas da tatuagem

Após a máquina de bobina, a tatuagem vai se popularizando nos portos, onde havia muitos marinheiros, boemia, prostituição e imigrantes. Isso ajuda com que a tatuagem torne-se cada vez mais, mal vista, marginalizada. Como,

No Piemonte e na Lombardia havia soldados, trabalhadores, artesãos e criminosos tatuados. Prato cheio para os cientistas de toda espécie, sendo o mais ávido de todos o já mencionado italiano Cesare Lombroso. Examinando crânios e peles, o criador da Escola Italiana de Antropologia Criminal tentou provar a tese da maldade genética. [...] 'tatuagem é sinal de inferioridade mental praticado por raças inferiores.' A Itália sufocou a tatuagem, muito embora ela estivesse na pele de homens de bem, de fiéis, trabalhadores e artesãos, alfaiates, sapateiros, açougueiros, ferreiros, padeiros etc. De uma maneira geral, a tatuagem enfrenta um pouco mais de resistência nos países de tradição católica. (MARQUES,1997,pg.63)

⁶ “Por aquelas bandas - Pacífico, Oceania, Sudeste Asiático, Américas - tradições e culturas inteiras foram enxotadas pelos brancos e não haveria de ser a tatuagem foco de inquebrável resistência. Costuma-se dizer que a culpa é dos missionários cristãos, mas o sumiço da tatuagem se deve à exploração européia como um todo e não apenas a seu braço religioso.”(MARQUES,1997,pg.44)

Esse conceito de “tese da maldade genética” nos remete a Caim, que não escolhe voluntariamente a marca no corpo. A tatuagem (e marcações em geral) foi, em muitos períodos, utilizada como meio para demarcar alguém como objeto ou propriedade de submissão. Essa relação, infelizmente, vem acoplada com a ideia de Lombroso sobre o que ele chama de “raças inferiores”. Um exemplo muito forte desse estigma foi o período da escravidão. Essa construção também é responsável pelo que conhecemos como sendo o racismo estrutural, que utilizou a modificação corporal como forma de subjugar e inferiorizar o outro.⁷ Além disso, os próprios presidiários utilizam a tatuagem como linguagem, para identificação de delitos. Todas essas histórias criaram uma aura, extremamente, pesada e preconceituosa contra o universo da tatuagem.

Outro exemplo a ser citado é o uso da tatuagem em nossa sociedade ocidental. Há cerca de 30 trinta anos, esse uso era restrito às pessoas marginalizadas socialmente, por exemplo, pessoas nas prisões; conseqüentemente, esses signos ideológicos produziam um efeito de sentido negativo nessa sociedade. Hoje, entretanto, o uso da tatuagem está difundido, sobretudo entre jovens, muitas vezes adicionado ao uso de piercings, produzindo, sobretudo, um efeito estético, mas não menos significativo. (BRAGA,2009,pg.149)

A contracultura, movimentos punks e hippies, nos meados dos anos 70, dão à tatuagem uma nova significação, a partir de certa rebelião e insatisfação da juventude com a política e com a sociedade.⁸ Cantores e bandas rock falam sobre tatuagem, famosos começam a se tatuar. A tatuagem começa a se inserir na cultura popular, invade a tv e o rádio. Ela ganha um novo mal estigma, sobretudo, quando associada a rebeldia contra os pais e contra a sociedade. Então,

Em síntese, investe-se na subversão dos valores, do status e do lugar social e cultural que têm caracterizado o exercício dessa prática por meio dos seus três componentes básicos: o tipo de usuário (antes restrito a uma população marginal e agora abrangendo todas as classes sociais), o perfil do tatuador (de amador a profissional) e o caráter da tatuagem (de estigma à obra artística). Esta mudança é bastante complexa, em razão da longa tradição de desprestígio e condenação da prática da tatuagem, e se faz evidente na série de valores “negativos” com os quais ela é relacionada, como aquilo que é sujo, podre, perigoso, proibido e contaminado. (PEREZ,2006,pg.183)

⁷ Mas, como nem tudo é festa, magia ou cultura, houve um momento em que o universo da tatuagem esteve de agulhas entrelaçadas com o horror do nazismo. Ao descobrirem que se tatuar é contra os princípios da lei judaica, os nazistas usaram de sua perversão ao repetir nas peles dos judeus os números de registro estampados em suas jaquetas. Já houve uma proposta de caráter igualmente fascista ao quererem identificar pela tatuagem as pessoas portadoras do vírus HIV. (RODRIGUES,2006,pg.19)

⁸ Nesse período, ocorre o fim da guerra do Vietnã, a guerra fria, além de muitos países na América Latina, sofrerem com a ascensão de ditaduras militares.

Ao ganhar espaço e popularizar-se, a tatuagem ocidental começa a se espalhar em diversos campos da sociedade. Atualmente, pessoas de classes sociais distintas possuem tatuagem e, por isso, o desenvolvimento da tatuagem na modernidade também possui valor identitário. Conforme Stuart Hall(2014)⁹, a identidade que antes era unificada, agora é fragmentada. Esse homem pós moderno, questiona sua identidade ao se deparar com as mudanças da sociedade.¹⁰ Atualmente, a tatuagem é vista como um adorno, moda, mas também traz a tona aquilo que há de subjetivo no sujeito. Cada indivíduo cria um discurso para justificar o ato de se tatuar. Deste modo,

a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconsciente, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo "imaginário" ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre "em processo", sempre "sendo formada".(HALL,2014,pg.32)

O corpo é como uma vitrine que expõe esse imaginário e dentro dessa subjetividade, podemos atribuir diferenças de significados e significantes, a partir do gênero. De acordo com Costa (2014), o corpo feminino representa o “materno” e cada corpo possui diferentes efeitos e expressões. O corpo masculino, entretanto, detém o “poder”, basicamente, representado pelo falo, pelo ponto de vista freudiano. A história da tatuagem, mesmo carregada de estigmas é, majoritariamente, masculina. As mulheres na tatuagem foram consideradas minorias, na história ocidental. Quando a tatuagem se populariza, as tatuadas são as prostitutas e as exóticas artistas circenses. Essas, entretanto, eram pouquíssimas se comparadas aos homens. Num ponto de vista semiótico, uma imagem tatuada numa mulher possui um significado diferente de quando tatuada em um homem. Assim,

O que se deve, em termos práticos, destacar neste processo é que, em um tipo específico de pensamento, o respeito à diferença e à assimetria produz relações sociais marcadamente igualitárias e simétricas (como se pode notar nas relações de gênero entre os ameríndios); enquanto o outro tipo (o pensamento racionalista ocidental), que se pretende defensor da igualdade e da simetria

⁹ “Argumenta-se, entretanto, que são exatamente essas coisas que agora estão ‘mudando’. O sujeito, previamente, vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas. Correspondentemente, as identidades, que compunham as paisagens sociais ‘lá fora’ e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as ‘necessidades’ objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais. O próprio processo de identificação através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático.”(HALL,2014,pg.12)

¹⁰ A tatuagem pode ser um agente ativo para a construção dessa identidade, que antes tinha medo de punição religiosa, familiar ou do grupo social, além da baixa acessibilidade e dificuldades em conseguir emprego.

sociais, produz regras na prática assimétricas, instituindo relações sociais, inclusive as de gênero, marcadas por desigualdades. (SABINO, LUZ, 2006, pg.266,267)

O corpo feminino tatuado está ligado a sensualidade, pois é visto como objeto de desejo. O pensamento ocidental gerou a desigualdade dos gêneros e sexualiza, ainda mais, a mulher tatuada. Não é a toa que as tatuadas artistas circenses faziam sucesso. Conforme pesquisa,

Aproximadamente, 64% dos entrevistados acreditam que a tatuagem pode ser um atrativo sexual e 78,6% acham que seria normal ou maravilhoso ter um parceiro tatuado. Dos entrevistados desta pesquisa, 52,4% disseram que acreditam que ter uma tatuagem é diferente para homens e mulheres. (LISE, et al.,2010,pg.636)

Se a tatuagem detém um significado de afronta política nos anos 70 e 80, ele se esvazia no final dos anos 90, principalmente, nos anos 2000, quando deixa de se tornar novidade e a quantidade de estúdios aumenta significativamente. Após a aceitação da mídia e da cultura, a tatuagem começa a conquistar o público feminino de diversos grupos.¹¹ Quando uma mulher tatua o nome de um companheiro, há um indício de submissão, enquanto no caso masculino, há uma relação de posse. Além dos usos fetichistas que beiram o universo BDSM, a imagem varia a relação de poder a partir do gênero. Logo,

De uma marcada predominância do sexo masculino – mais de 60% – passou-se não só a um maior equilíbrio, mas até mesmo à supremacia do sexo feminino. O que aconteceu? Por que mudou esse perfil? Para compreender a transição, é importante lembrar que, do ponto de vista histórico, a prática da tatuagem era basicamente restrita ao setor masculino –marinheiros, presos, motoqueiros etc. – e como tal, vinculada a valores associados culturalmente à masculinidade, como coragem, agressividade, força, entre outros. No entanto, o ingresso dessa prática no mundo do mercado fez com que se comesçassem a neutralizar essas distinções e identidades, tentando-se impor, em seu lugar, o critério universal do consumidor, o qual abrange todo o tipo de público. A tatuagem entrou, assim, em um acelerado processo de desmasculinização, que afetou profundamente a relação de gênero existente. (PEREZ,2006,pg.191,192)

¹¹ “No que concerne às mulheres das academias, as figuras remetem à delicadeza, sensualidade e submissão. Tais desenhos acentuam esteticamente aquilo que tradicionalmente é considerado feminilidade em nossa cultura - ou os encantos, particularmente para os olhos masculinos, dessa feminilidade (FREYRE, 1986). Essas figuras são inscritas, geralmente, em regiões específicas do corpo da mulher: quadris, ventre, seios, virilhas, nuca. Se, no registro masculino, os desenhos ressaltam a musculosidade e a masculinidade de regiões do corpo que representam a virilidade e a força - e, portanto, a honra de ser homem - no registro feminino tais desenhos destacam o inverso, ligando a força feminina diretamente à sedução e à sexualidade. A tatuagem torna-se um adorno para as qualidades físicas diretamente ligadas ao gênero e às hierarquias de poder e relações de força a ele inerentes (LE BRETON, 2004).”(SABINO, LUZ, 2006,pg.258)

Em contraponto à tatuagem como submissão, o crescimento do público feminino, acompanha os movimentos feministas e a emancipação da mulher.¹² De acordo com Rodriguez e Carreteiro (2014), a tatuagem também ajuda o indivíduo frente a desestruturação dos laços sociais e ao distanciamento do outro, usando a superfície da pele como meio de comunicação. Tatuagem o corpo é uma forma de registrar os acontecimentos, como forma de lembretes, para não mais repeti-los. Os sentidos atribuídos às tatuagens além de diversos, só podem se apresentar com clareza a partir da motivação do tatuado. Quanto a essa necessidade se sentir, literalmente, na pele, os acontecimentos, o processo de dor física pode ajudar a minimizar uma dor psicológica.

1.4. Tatuagem, corpo e arte

1.4.1. Domínio da beleza: revisão crítica

A beleza na filosofia platônica está ligada a três componentes: ciência, religião e ética. Ela é a sublimação ligada a espiritualidade, a transcendência e ao conceito. Aquilo que possui características materiais, é passível de transformação, enquanto o que se encontra no campo da ideia, se perdura e não se modifica. Assim,

O homem vive, segundo Platão, inicialmente confinado ao mundo dos fenômenos sensoriais. Aí ele pode despertar em si o Eros, o amor, inicialmente apenas voltado para o belo manifesto num determinado corpo. Ele progride na medida em que consegue se convencer que o belo num corpo é o mesmo em todos os corpos. Quando ele aprende a enxergar o belo também nas almas e nas instituições, ele se prepara para um grau de sublimação que contempla o belo nas ciências. Esse é o ponto a partir do qual ele pode se alçar ao supremo nível na contemplação do belo. Esse reside na pura ideia que só consegue contemplar aquele que antes se purificou, livrando-se do apego ao mundo sensorial e atingiu a dignidade e capacidade de apreciação de algo universal e absoluto. O auge da contemplação do belo consiste, pois, em chegar a contemplar a própria essência do belo que confere a todos os objetos particulares um pálido reflexo de beleza. Essa essência é a ideia pura e universal do belo. (GREUEL,1994,pg.147)

A construção do belo coloca o corpo como algo que não deve ser modificado. A beleza do corpo deve ser pensada pelo filósofo e pelo artista. Esse pensamento filosófico, desprende a imagem

¹² Agora dona de suas próprias economias, dona de seus próprios desejos. As mulheres buscam cada vez mais se tatuar. Também não são poucos os relatos de assédios em estúdios de tatuagem e a mudança de gênero na clientela, contribui para o aumento do gênero feminino na profissão.

da tatuagem no corpo ocidental. A arte, entretanto, também foi vista como algo inferior à filosofia, por ter origem material,

Escrever “arte” diz-se, em grego, “téchne”, como se faz todos os dias, é, mais do que um anacronismo, um delírio recuperador. No mundo helênico (no mundo helenístico será diferente), “a arte” não é um tema em si, suscetível de um ensino teórico, transmitido por Academias, afetado a lugares diferentes do atelier, servido por vocações gloriosas. (DEBRAY,1994,pg.169)

Nesta perspectiva, a arte só ganha relevância ao retratar o belo, associando-se ao sagrado, ou seja, quando ligada a imitação da palavra. A beleza nas artes só se afasta da religião no renascimento, mas ainda permanece ligada à ciência e à ética. Apenas no pós-modernismo e na arte contemporânea, há certa autenticidade para se desprender dos domínios da beleza. Nesse período, a tatuagem se desenvolve, consideravelmente, no ocidente. Vista como adorno na atualidade, há um estranhamento quando pensamos nos padrões estéticos de beleza. Assim,

Ao fixar no corpo, por livre iniciativa, de forma concreta, embora codificada, as inquietações e desejos de sua mente e de seu espírito, ele faz com que a intervenção corporal haja como um elo que unifica a dualidade existente entre o corpo físico e o corpo espiritual/mental. (PIRES,2003, pg.82)

Essa ligação entre o corpo tatuado e o belo não era sequer um tópico na antiguidade. Porém, pode-se notar que a tatuagem pode ser um artifício em busca da beleza e da essência do ser. Assim, como no pós modernismo, o corpo torna-se meio de suporte da arte, tanto através da fotografia quanto da performance, a tatuagem passa a ser pensada dentro dos domínios da produção artística.

1.4.2. Arte, artesanato, design e tatuagem

Na tradição ocidental da arte, a arte erudita é reconhecida por seu caráter de produção de conhecimento e de conteúdo subjetivo, enquanto o artesanato, é visto com desdém por conter uma função mais objetiva e manual, portanto, mais técnica.

O grego não tem palavra para criador, nem para talento, gênio, obra-prima, gosto ou estilo. Praxeis téchnes (Leis, X, 892 b), que traduzimos indolentemente por “obras de arte”, compreender-se-ia melhor como “realizações técnicas”. Nosso “artista” é um demiourgós ou um banausos, que quer dizer artesão, trabalhador. Nessa qualidade, o fabricante de imagens é vítima do desprezo que pesa sobre todos os trabalhadores manuais. Até mesmo Aristóteles tende a excluir o artesão do direito de cidadania. Enfrenta a matéria

com seu corpo, quando, afinal, o homem só é livre pelo espírito, pela palavra. Portanto, esse trabalhador exerce uma profissão por natureza servil, indigna de um homem livre. Artista plástico é escravo. (DEBRAY,1994,pg.172)

O artista só é reconhecido, após comprovar a relevância espiritual de sua obra.¹³ O artesão é visto como “inferior” por possuir uma produção manual.¹⁴ Quanto ao design, de acordo com Latour (2015), o termo vem de elaborar, designar, desenhar e segue uma tradição modernista, funcionalista, criticada pelo mesmo. Desta forma,

o “design” era sempre considerado nesta balança do “não somente..., mas também”. Era como se houvesse, de fato, duas formas bastante diferentes de encarar um objeto: uma delas, através de sua materialidade intrínseca, e, a outra, através de seus aspectos mais estéticos ou “simbólicos”. (LATOURE,2015,pg.6)

Então, o design é sempre um (re)design, como se a estética de um objeto fosse pensada separada de suas demais características. Coisa que não acontece no artesanato, por exemplo. Quanto a tatuagem, que também é uma prática manual, usada em sua maioria como meio de reprodução, tem como finalidade, fixar uma imagem e, portanto, contribuir com a exteriorização da subjetividade do indivíduo, que é seu consumidor final. Por esse motivo, é natural que a tatuagem viva nesse paradoxo em busca de validação artística da imagem. Ao mesmo tempo em que ela é uma forma de expressão do indivíduo que a possui, ela pode ser um meio de expressão do autor, podendo assim, despertar diferentes sentidos de acordo com cada observador.

Claro que isso também pode acontecer com o artesanato e o design. Afinal, o sentido é uma característica atribuída a imagem em si. As atribuições da imagem não perdem seu valor por serem, ou não, arte. Entretanto, a partir do momento que uma imagem é considerada arte, atribui-se mais valor a ela e mais prestígio ao autor.

1.4.3. Tatuagem e arte: Fronteiras e intersecções

¹³ De acordo com Cauquelin (2005), os meios de validação de um artista e de suas obras, são estabelecidos dentro do mercado de arte. Um artista é reconhecido quando suas obras são expostas em galerias, exposições, museus, quando há interesses de colecionadores, reconhecimento da mídia, de críticos e demais operantes que fazem esse mercado girar e que estabelecem o valor da obra de arte.

¹⁴Essa visão está atrelada a construção do belo, que diminui a prática manual pelo esvaziamento de seu sentido, atribuindo assim menor valor mercadológico para esse tipo de produção.

O conceito de arte acompanha o nascimento das ciências eurocêntricas, enquanto a tatuagem era praticada por alguns dos povos originários, não ocidentais. No caso das expedições ao Brasil,

Hoje temos ideia de quem, no século XVI, os portugueses encontraram aqui. Segundo Manuel Diegues Júnior (Etnias e culturas no Brasil), na Bahia, viviam Tupiniquins e Tupinambás, sendo que estes também estavam no Maranhão. Em Pernambuco, tínhamos o Caetés e o Tabajaras, dos quais um indivíduo foi levado à França pelo capuchinho D'Abbeville. No Ceará e no Rio Grande do Norte, viviam os Potiguaras. No interior da Região Nordeste, Tupinas e Amoipiras. No litoral do Pará, os Taramambés. Em São Paulo e no Rio, Tamoios. No Sul, Tupis e Guaranis. Quais eram tatuados? Tupinambás, Tabajaras e Guaranis. (MARQUES,1997,pg.127)

Quando a tatuagem ocidental surge, ela não se aproxima da arte, mas também não se difere das técnicas de reprodução, como gravuras e fotografias. Tanto a gravura quanto a fotografia ocupam seu espaço na história da arte. O corpo tatuado passa por um processo de stencil, técnica ainda muito utilizada, inclusive, para a reprodução de obras de arte. Enquanto a modernidade concilia o belo ao corpo modificado, uma vez que a modificação do corpo é capaz de conectar a alma, a arte contemporânea aproxima o corpo como meio de suporte. Esse pensamento, bastante helênico, não é novo para muitos povos nativos e, assemelha-se às suas relações com o sagrado. A tatuagem ocidental incorpora esse viés espiritual, de forma ressignificada, considerando, em contexto de globalização, as trocas culturais, o fluxo das informações e a diversidade cultural dos movimentos sociais, de gênero, raça e classe, em ascensão. Ainda que a tatuagem seja um ofício artesanal, desprezado e desvalorizado no campo das artes, entretanto, sua aproximação com a linguagem artística na atualidade é evidente. Muitos tatuadores não utilizam apenas o corpo como suporte, usa-se linguagens gráficas, artesanais e plásticas, como veremos a seguir.

Jun Matsui, por exemplo, de São Paulo (SP), é tatuador desde 1997, extremamente, respeitado, iniciou sua carreira no Japão, onde a técnica era bastante restrita. Ele volta ao Brasil com uma visão bastante oriental e uma concepção forte de que seu trabalho não é artístico, mas artesanal. Matsui prepara o desenho, diretamente, no corpo (técnica de freehand)¹⁵ após conversar e entender o que a pessoa busca. Ele diz que seu trabalho é feito de homem pra homem, logo, força e masculinidade são representantes em seu trabalho.¹⁶ Em suas tatuagens,

¹⁵ desenho feito a mão livre, sem uso de decalque.

¹⁶ Documentário disponível em: <<http://www.junmatsuidoc.com/?fbclid=IwAR04OKFolEOoVb1347e--dkFEZeAkCQN2mycU1ya8-CUDQQmzu7LCqSnIt4>>. Acesso em: 2015

prevalecem padrões plásticos, próximos aos traços nativos orientais. Ele incorpora a imagem ao corpo, como uma roupagem, como se servisse de proteção para a pele que a recebe. Além de tatuar, ele faz estampas de roupas (possui marca de confecção própria), que possuem traços mais figurativos.

Figura 1 - Jun Matsui - Tatuagem



Fonte: Instagram do autor¹⁷

Figura 2- Jun Matsui - Tatuagem



Fonte: Instagram do autor¹⁸

Figura 3 - Jun Matsui - Pintura

¹⁷ Disponível em <<https://www.instagram.com/p/BqIs8pcndz3/>>. Acesso em: 13 nov.2018

¹⁸ Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/Bv40r1FH3Ba/>>. Acesso em: 05 abr. 2019



Fonte: Instagram do autor¹⁹

Em Recife (PE), com formação em design gráfico, Imarginal (Fernando Chaves), tatua desde 2011. Ele trabalha com freehand, embora também tenha desenhos prontos (flashes) disponíveis. Suas influências permeiam a cultura oriental, grafismos africanos, fenômenos naturais e geofísica. Seu trabalho possui a mesma linguagem tanto na pele quanto no mural. A identidade visual mostra o corpo como meio de suporte.

Figura 4 - Imarginal - Tatuagem



Fonte: Instagram do autor²⁰

Figura 5 - Imarginal - Pintura em parede

¹⁹ Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/BfOai7LIKgb/>>. Acesso em: 15 fev. 2018

²⁰ Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/BgOWgSblPTU/>>. Acesso em: 12 mar. 2018.



Fonte: Instagram do autor²¹

A arte contemporânea começa a permear a tatuagem. Surge uma gama muito interessante de trabalhos nessa linha. Como de Kat Alden (Katharine Alden), tatuadora do Rio de Janeiro (RJ) desde 2015, que iniciou sua formação acadêmica em artes visuais e possui como referência os tatuadores Jun Matsui e Brian Gomes, além de se interessar por artesanato, tapeçaria, cerâmica, grafismos com altos contrastes e utilizar cores pouco luminosas. É possível notar o cuidado com a cores e a sutileza das formas em busca de fluidez e equilíbrio.

Figura 6 - Kat Alden - Tatuagem

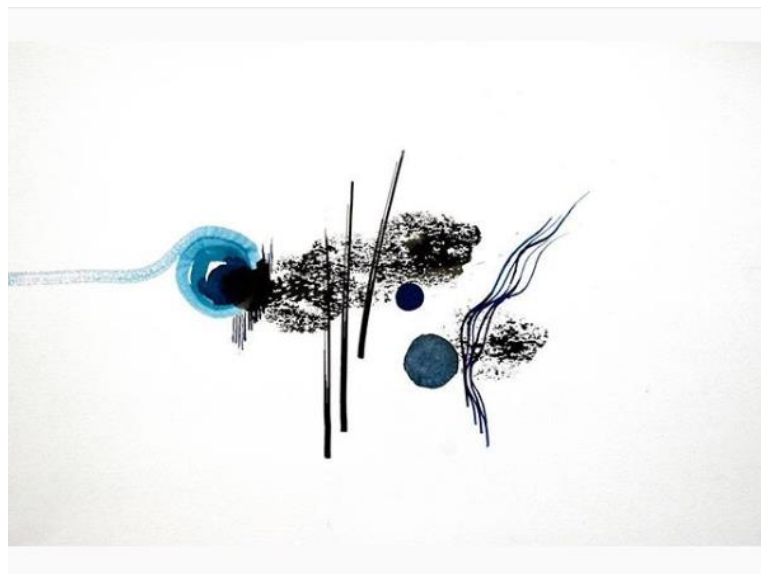


Fonte: Instagram da autora²²

Figura 7 - Kat Alden - Pintura

²¹ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BWf_s3KhL8S/>. Acesso em: 13 jul. 2017

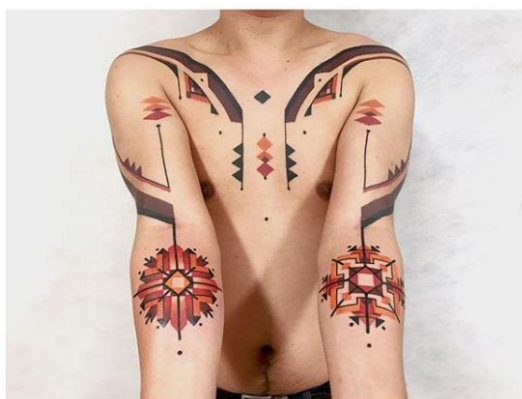
²² Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/BUeojiXANZE/>>. Acesso em: 14 mai. 2017



Fonte: Instagram da autora²³

Ao unirmos esse movimento contemporâneo com a retomada do tribal, dessa vez inspirado em grafismos indígenas, temos Brian Gomes, tatuador desde 2004, que também trabalha como artista plástico em São Paulo (SP). Seu trabalho é uma ressignificação dos grafismos de povos originários de linguagem Pano, como Shipibo, Yawanawá e Huni Kuin, localizados em regiões da Bolívia, Peru e Acre. Além disso, se inspira em padrões de geometria sagrada islâmica.

Figura 8 - Brian Gomes - Tatuagem

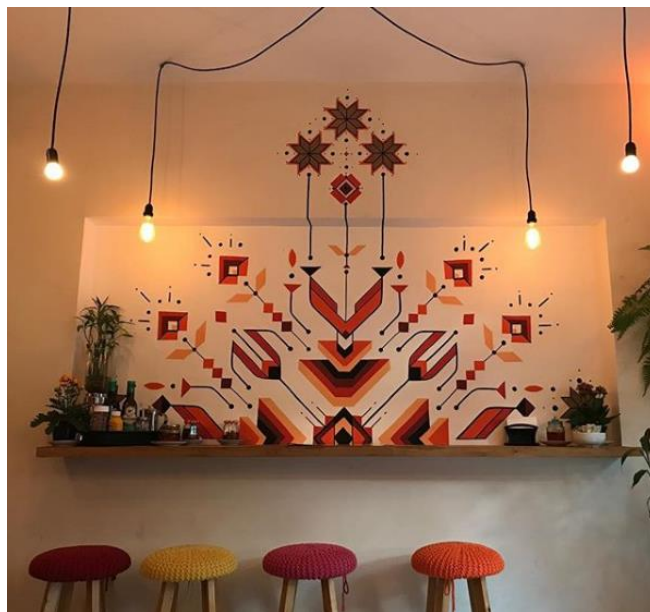


Fonte: Instagram do autor²⁴

Figura 9 - Brian Gomes - Pintura em parede

²³ Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/BXGbZaMgju0/>>. Acesso em: 28 jul.2017

²⁴ Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/BpXYCtfAOm8/>>. Acesso em: 25 out.2018.



Fonte: Instagram do autor²⁵

Brian possui um padrão geométrico, que se encaixa bem nesse contexto contemporâneo. Ele utiliza cores vivas, que nos remete a certa ancestralidade, ligada a questões identitárias latino-americanas. Essa busca pelo xamanismo na tatuagem, pode levantar diversas questões, não só artísticas como de sua função, podendo aproximar a tatuagem ocidental às práticas de pintura corporal de povos nativos, tendo a tatuagem como uma forma de agência, mesmo não reproduzindo fielmente seus grafismos. Outro tópico interessante sobre sua produção, é o fato de haver símbolos que podem ser reconhecidos, como as flechas que aparecem no painel (figura 9).

Além desses gêneros, gráficos e contemporâneos já apresentados. Abaixo, vemos um trabalho completamente figurativo, porém não menos importante, da tatuadora Bruna Yonashiro, também de São Paulo (SP), que trabalha com old school.²⁶ O interessante é que mesmo fazendo desenhos clássicos, que possui padrões de cores bastante específicos, e temas tradicionais, é possível identificar os traços de seu trabalho. Há certa sensibilidade ao retratar a feminilidade, não necessariamente sexualizada, conseguindo também, trabalhar com temas brasileiros, mesmo sendo o old school uma categoria em que se utiliza ícones, predominantemente, estadunidenses.

Figura 1 - Bruna Yonashiro - Tatuagem

²⁵ Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/BWpRM1e18F7/>>. Acesso em: 17 jul.2017.

²⁶ Essa categoria que retoma as características da tatuagem ocidental tradicional, desenvolvida pelos marinheiros no séc. XVIII.



Fonte: Instagram da autora²⁷

Figura 1 - Bruna Yonashiro - Pintura



Fonte: Instagram da autora²⁸

Claro que, pensando na arte contemporânea, essa produção se afasta muito das demais, mas assim como a arte, a tatuagem também segue linhas de retomada aos períodos anteriores. Os cinco tatuadores brasileiros citados seguem vertentes artísticas diferentes. Há muitos outros que também possuem trabalhos interessantíssimos, tanto tecnicamente quanto simbolicamente. Se pensarmos no que virá após esse período contemporâneo, vivenciado nas últimas décadas, a tendência é voltarmos cada vez mais a resgatar símbolos e formas figurativas. Na tatuagem, a

²⁷ Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/BsdLNI3hola/>>. Acesso em: 10 jan.2019.

²⁸ Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/BxcimA9H-Rk/>>. Acesso em: 14 mai.2019.

produção autoral, seja ela plástica ou figurativa, ainda é recente. Para que essa prática possa se desenvolver cada vez mais, é necessário educar o público para que haja demanda e valorização para esse tipo de trabalho. Assim como a arte, a tatuagem possui um público com gostos variados. Em geral, o interesse desses consumidores, é utilizar a tatuagem como meio de reprodução técnica. Por isso, existe certa dificuldade em um tatuador adaptar sua clientela para o tipo de trabalho artístico de seu interesse.

2. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo não teve o intuito de apresentar todas as categorias e estilos utilizados na tatuagem, mas mostrar como o sentido da imagem gravada na pele vem se alterando, simbolicamente, na sociedade ocidental atual.

A produção da imagem desde o período civilizatório sempre teve a intenção de preencher uma ausência, e representar o imaterial, como uma necessidade de confirmação de crenças, incertezas, valores éticos e morais. A arte valida-se nesse processo associando-se ao belo e ao sagrado, enquanto a tatuagem sofre a margem, por sua origem de alteridade. Apesar do processo civilizatório ter enaltecido a arte e transformado a tatuagem numa linguagem indigna, ambas as práticas, lidam com questões técnicas, artísticas e manuais, com necessidades de domínio sobre composições, figurativas, plásticas e materiais. Vimos que a tatuagem também atua no campo do sensível, mesmo quando influencia apenas a construção subjetiva da identidade do sujeito. A imagem torna-se um meio de busca por estabilidade, fazendo com que o indivíduo busque significações e segurança em fragmentos grafados na pele. A imagem tatuada também passa por uma ressignificação no decorrer da história, assim, a forma com que o sujeito se vê e é reconhecido pelo outro, se altera de acordo com o viés psicológico e social de cada período. Fazer uma tatuagem é ter autonomia sobre o próprio corpo, o que reflete na ascensão do gênero feminino na atualidade.

Ainda é muito recente a aceitação da tatuagem na sociedade e no mercado. Faltam debates para que os tatuadores possam ampliar seus espaços nos campos acadêmicos e filosóficos, podendo, assim, diminuir a negatividade e preconceito atribuídas à profissão, possibilitando o desenvolvimento do pensamento crítico, artístico e artesanal, de como pensar a imagem sobre o corpo. Mesmo se separado dos princípios fundamentais da arte, gerando assim, maior valor significativo para a produção do campo, como o design assim o fez.

Para finalizar, podemos notar a aproximação da tatuagem com a linguagem da arte, que começa a ser cada vez mais utilizada, seja pela semelhança entre os meios de suporte, desenvolvimento de técnicas ou pela busca de um discurso que permeie o corpo de forma sensível e espiritual. Muitos tatuadores estão insatisfeitos com o ofício em si, e isso faz com que essa busca por certa identidade artística acabe se ampliando cada vez mais. Quanto aos tatuados, muitos acabam se identificando com as produções desses tatuadores, o que faz com que as imagens, consigam fugir de ambientes institucionalizados, como museus e galerias, para habitar cada vez mais o corpo humano que transita pela cidade, configurando, assim, novas paisagens contemporâneas.

3. REFERÊNCIAS

3.1. Artigos de periódicos:

BRAGA, Sandro. A tatuagem como gênero: uma visão discursiva. **Ling. (dis)curso**, Tubarão, v. 9, n. 1, p. 131-155, abr. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-76322009000100007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 14 fev. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S1518-76322009000100007>.

CARLAN, Cláudio Umpierre. Constantino e as transformações do Império Romano no século IV, **RHAA** 11, 2009

GREUEL, Marcelo da Veiga. Da “Teoria do Belo” à “Estética dos sentidos”: reflexões sobre Platão e Friedrich Schiller. **Anuário de Literatura**, Florianópolis, p. 147-155, jan. 1994. ISSN 2175-7917. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/5362>>. Acesso em: 14 fev. 2019. doi:<https://doi.org/10.5007/%x>.

LATOUR, Bruno. Um Prometeu cauteloso?: alguns passos rumo a uma filosofia do design (com especial atenção a Peter Slotedijk). **Agitprop**: revista brasileira de design, São Paulo, v. 6, n. 58, jul./ago. 2015.

LISE, Michelle Larissa Zini et al. Tatuagem: perfil e discurso de pessoas com inscrição de marcas no corpo. **An. Bras. Dermatol.**, Rio de Janeiro, v. 85, n. 5, p. 631-638, out. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0365-05962010000500006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 18 fev. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0365-05962010000500006>.

PEREZ, Andrea Lissett. A identidade à flor da pele: etnografia da prática da tatuagem na contemporaneidade. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 179-206, abr. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132006000100007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 14 fev. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-93132006000100007>.

PIRES, Beatriz Ferreira. O corpo como suporte da Arte. **Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.**, VI, 1, mar,2003, p.76-85. ISBN 9788573593952

ROBINSON, T. (1998). As características definidoras do dualismo alma-corpo nos escritos de Platão. **Letras Clássicas**, São Paulo, n. 2, pp. 335-356. <https://doi.org/10.11606/issn.2358-3150.v0i2p335-356>

RODRIGUEZ, Luciana da Silva; CARRETEIRO, Teresa Cristina Othenio Cordeiro. Olhares sobre o corpo na atualidade: tatuagem, visibilidade e experiência tátil. **Psicol. Soc.**, Belo Horizonte, v. 26, n. 3, p. 746-755, dez. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822014000300023&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 14 fev. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822014000300023>.

SABINO, César; LUZ, Madel T. Tatuagem, gênero e lógica da diferença. **Physis**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 251-272, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312006000200007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 15 fev. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-73312006000200007>.

3.2. Livros:

CAUQUELIN, Anne. **Arte contemporânea: uma introdução**. Tradução de Rejane Janowitzer. São Paulo: Martins Fontes, 2005. 168 p., 20 cm. (Coleção Todas as Artes). ISBN 85-99102-18-4.

COSTA, Ana. **Tatuagem e marcas corporais: atualizações do sagrado**/ Ana Costa. 3. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2014. (Coleção clínica psicanalítica/ dirigida por Flávio Carvalho Ferraz). ISBN 978-85-8040-240-7.

DEBRAY, Régis. **Vida e morte da imagem**. São Paulo: Vozes, 1994. ISBN: 8532610927.

ELIAS, Norbert. **O Processo civilizador: uma história dos costumes**. Tradução de Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. v. 1 . 278 p.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu Silva, Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014. 102p. 16cm. ISBN 978-85-8316-007-6.

MARQUES, Toni. **O Brasil tatuado e outros mundos**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. 246 p., il., 20,5. ISBN 85-325-0685-2.

RODRIGUES, Apoenan. **Tatuagem: dor. prazer. moda. e muita vaidade**. 1. ed. São Paulo: Terceiro Nome; Mostarda Editora, 2006. 06-1024 CDD-361.65